

“Fogaça com Palavras”

Encontro com o Poeta Carlos de Moraes

Apresentação de Joana Martins

1. Nota Introdutória

A Confraria da Fogaça da Feira tem vindo a incrementar a realização de eventos e espaços culturais que muito a dignificam e que se aplaudem.

Nesse âmbito ocorreu no dia 17 do passado mês de Novembro um serão - convívio previsto para mais um desses momentos – o “Fogaça com Palavras” - que, por proposta minha, contemplou a figura do poeta Carlos de Moraes, autor, entre outras obras/poemas, da nossa “Canção das Fogaceiras” e da “Ronda da Vila da Feira”, além do cântico de cariz religioso, “Senhora da Paz” (ou simplesmente “Miraculosa”, como se tornou sobejamente conhecida) e que também aí foi evocado com uma interpretação coral e acompanhamento ao piano.

Tendo assumido o tratamento da figura do Poeta, procedi à recolha e sistematização de dados biográficos que, de algum modo, pudessem contribuir para a composição do seu perfil identitário e melhor percepção das motivações da sua ligação tão afeiçoada à nossa Terra e suas gentes.

Ocupei-me, também, da análise e comentário ao poema “Canção das Fogaceiras” e de apenas breve comentário ao belíssimo poema “Ronda da Vila da Feira”, então deliciosamente ditos pela Confrade Paula Portela.



A esses dois aspectos se circunscreve, basicamente, a comunicação que então tive oportunidade e gosto de proferir para os focacianos e amigos da Confraria.

Acontece que, em momento posterior, fui confrontada com amável interesse do Sr. Dr. Celestino Portela, nosso Confrade Mirífico, que me propôs a sua publicação na “Revista Villa da Feira” de que é fundador e digníssimo director, a que gostosamente acedi.

Daí a conveniência da redacção desta “nota introdutória” visando, tanto quanto possível, proporcionar aos leitores não presentes no nosso encontro cultural, um adequado enquadramento e compreensão sequencial do seu desenvolvimento.

Por isso também, e a anteceder o texto da minha comunicação, aqui se insere o respectivo guião e o texto dos três poemas referidos.

2. Guião

- i. Conf. Joana Martins faz leitura da biografia de Carlos de Moraes.
- ii. Conf. Paula Portela declama “Miraculosa”.
- iii. Coro canta “Miraculosa”.
- iv. Conf. Paula Portela declama o poema “Fado das Fogaceiras”.
- v. Conf. Joana Martins faz análise do poema.
- vi. Conf. Paula Portela declama o poema “Ronda da Vila da Feira” de Carlos de Moraes.
- vii. Conf. Joana Martins faz breve comentário ao poema.
- viii. Momento final:
 - a) Coro canta “Trova da Vila da Feira” de Luís Goes.
 - b) Focacianos cantam “Fado das Fogaceiras” acompanhado ao piano por Maria Sidónia Castro, com a direcção da nossa Conf. Maria Adelina Castro.

Canção das Fogaceiras

Fogaceira linda e nova

Deixa-me tirar a prova

Duma fogaça das tuas;

Vendendo-as assim a esmo,

São pedaços de ti mesmo

Que vendes por essas ruas.

Quando vais, oh! Fogaceira,

Vender fogaças à feira

Vais tão cheiinha de graças,

Que nos gestos e meneios

As fogaças lembram seios

E os seios lembram fogaças.

Tuas fogaças loirinhas

São certamente irmãzinhas

das fogaças do teu peito,

Só assim dessa maneira

Se compreende, oh! Fogaceira,

Que as vendas todas a oito.

Refrão

Fogaceira minha

Que linda que és,

Com a chinelinha

Toda bordadinha

Na ponta dos pés.

Quando vais andando,

Tens o encantamento,

De rosas dançando,

De lírios bailando

Nas asas do vento.

Ronda da Vila da Feira

Burgo de Santa Maria,
Onde mora a fidalguia
Em graça que jamais finda
Numa tocante harmonia
-Vila da Feira! Que linda!...

Burgo de Santa Maria,
Onde mora a fidalguia

Há quem diga- e eu acredito-
Que aqui nasceu Portugal
No seu garboso castelo
Tão rendilhado e bonito,
Tão altaneiro e tão belo...

-Que lindo berço real
Para embalar Portugal
Quando ele era pequenito!...

Chamam-lhe, alguns, fantasia,
Quimera...amor filial...
- Porém, de qualquer maneira,
Certamente bem podia
No alto Castelo da Feira
Ter nascido Portugal

Carlos de Moraes
Novembro de 1958
Publicado no nº. 53 17/11/958

Com seu castelo feudal,
Sem sombras de fantasia,
Terras de Santa Maria
São bem um berço real!...

E a ternura permanente
Da nobre gente da Feira?
- Atavismo, certamente,
Porém, de qualquer maneira,
A gente, em verdade, sente
Que até nos pequenos nada
Cantam virtudes sagradas
No coração desta gente!...

- Por isso, as minhas pegadas
Aqui vêm dar, fielmente,
Às portas escancaradas
Do coração desta gente!...

Burgo de santa Maria,
Terra-Mãe de Portugal!...

- Nasce o dia...morre o dia...
Mas não morre a sinfonia
Cheia de infinitas graças
Desta terra sem igual,
Que até no Pão das Fogaças
Nos dá o enlevo e a magia
- Dum Pão de mesa real...

“Senhora da Paz” (Miraculosa)

Letra de Carlos de Moraes

Miraculosa Rainha dos Ceús
Sob o teu manto tecido de luz,
Faz com que a guerra se acabe na terra,
E haja entre os homens a paz de Jesus.

Nossa Senhora, Mãe de Jesus,
Dá-nos a graça da tua luz,
Virgem Maria, Divina Flor
Dá-nos a esmola do teu amor.

Se em teu regaço, bendita Mãe,
Toda a amargura remédio tem,
As nossas almas pedem que vás,
Junto da guerra fazer a paz.

Pelas crianças flores em botão,
Pelos velhinhos sem lar nem pão,
Pelos soldados que à guerra vão,
Senhora escuta nossa oração.

Encontro com o Poeta Carlos de Moraes

3. Contributos para a sua Biografia

Caro Mestre

Caros confrades

Amigos da Confraria

Cá estamos de volta, ao cair da folha, neste fim de tarde já bem escurecido, para mais um encontro “Fogaça com Palavras” a que, particularmente hoje, acrescentaria “... e Música”.

Inicio a minha intervenção desejando-vos um serão festivo com momentos de são convívio e alegria focaciana.

E gostaria de dizer-vos já quanto me congratulo pela oportunidade que hoje nos é proporcionada de prestar uma sentida e merecida homenagem póstuma de gratidão ao homem e ao poeta que, com a sua inspirada poesia, em dádiva, nos legou os belíssimos poemas da “Canção das Fogaceiras” e “Ronda da Vila da Feira”, verdadeiros frescos que, com mestria, retratam o



particular modo de ser da fidalga Vila da Feira e do seu povo, que ele bem conhecia.

E após este breve introito, detenhamo-nos por momentos sobre os elementos biográficos disponíveis respeitantes à vida e obra do nosso poeta.

Carlos de Moraes nasceu a 11 de Agosto de 1887, na freguesia de Serzedo, Concelho de Vila Nova de Gaia, segundo filho de sete irmãos.

Faleceu a 5 de Outubro de 1975, em Espinho.

Fez a instrução primária em Grijó com o mestre Pertrunhas, o mesmo que Júlio Dinis retrata na “Morgadinha dos Canaviais”.

Carlos de Moraes, sobretudo poeta e homem de teatro, desde novo e espontaneamente, no seu próprio dizer, revelou a sua vocação poética. Por volta dos sete anos terá começado a escrever poesia, versos satíricos dirigidos a companheiros de escola.

Filho adoptivo de Espinho desde 1915, onde constituiu família e se enraizou, aí se mantendo até à sua morte.



Casou em 1917 com Laura Pinheiro, de quem teve três filhos (Joaquim, Maria Fernanda e Maria do Céu) e avô de dois netos (Carlos Afonso e Laura Maria).

Iniciou no Porto o seu trabalho de contabilista em firmas de exportadores ingleses de vinho do Porto, actividade que também exerceu em Espinho na “Tipografia Moreira”.

Ainda no Porto, estabeleceu contactos com tertúlias nortenhas, tendo desenvolvido aí o gosto pelas letras num ambiente de cariz republicano.

Na comemoração do Centenário do seu nascimento, a Câmara Municipal de Espinho editou uma Antologia Poética da sua obra coordenada pelo neto Carlos de Moraes Gaio e que constitui fonte relevante para o conhecimento da sua personalidade e obra.

A este propósito cabe aqui referir o artigo “Evocação de Carlos de Moraes”, do nosso Confrade Mirífico Celestino Portela, publicado no nº 22 da Revista Villa da Feira (Ano VIII), onde se destacam interessantes aspectos da vida e obra da personalidade que hoje aqui nos reúne.

Aí salienta o autor ter conhecido pessoalmente Carlos de Moraes através do colega e amigo Dr. Domingos Trincão, advogado de Moreira da Costa.

Como já se referiu, a sua produção literária atingiu maior relevância na poesia e no teatro, sendo essas as áreas para que se sentia mais predestinado.

Todavia, a sua produção literária apresenta-se variada não só como autor, mas também na elaboração e direcção de periódicos locais e mesmo nacionais como de seguida se verá:

- no “Primeiro de Janeiro” e na “República” – como colaborador;
- dirigiu o semanário espinhense “O Oceano” em 1916;
- com Zacarias Correia, foi director literário da revista “Gente Lusa”, arquivo de Letras e Artes, na primeira série de cinco números, publicada na Praia da Granja, com Direcção artística de Joaquim Lopes.

Nesta série, no 1º número publicam-se cartas inéditas de Camilo Castelo Branco; no 2º número um desenho de Camilo por António Carneiro e uma caricatura de Amadeu Sousa Cardoso; no 3º desenhos inéditos de Soares dos Reis e no 4º cartas inéditas de Soares de Paços;

- Publicou os livros de poesia: “Rosas Desfolhadas” (1912/13), “Aleluias”, sua 3ª obra, livro de sonetos, que abre com um meigo e doce soneto dedicado a sua mulher (1920), “Buarcos” (1943), “Chão Movediço” (1947).
- Para além da poesia, Carlos de Moraes dedicou ao Teatro muito do seu labor artistico. Nesta área conhecem-se as seguintes obras:

- “A Coroa das Rosas” (1912); “A Criminosa” (1921); “Mulher Adúltera” (1946); “O caso Complicado” (1957); “Saber Amar” e “Volúpia Verde” (1960) e “A Noite Continua” (1961);
- Escreveu ainda Operetas: “No seio das Ondas”, opereta apresentada nos palcos de Lisboa, Porto, Aveiro e Espinho (1927), “Miss Costa Verde” (1940);
- Foi ainda autor de textos diversificados para espectáculos de Variedades: “Ondas do Mar...e Ondas da Serra” (1956), “Ritmos do Mar e Aquém-Fronteiras” (1957), “Postais da Costa Verde” e “Na Fonte do Mocho” (1960), “Fonte Luminosa” (1965).
- Está ainda feito o levantamento das seguintes obras de poesia inéditas: “Ó Fonte dos Musgos Verdes”, “Cachoeiras”, “Rendas de Espuma” e ainda um outro volume de poesia lírica.

Carlos de Moraes animou com a sua produção literária as colectividades espinhenses, intervindo nos movimentos culturais e religiosos desta cidade. Escreveu também orações cantadas, um cântico sacro dedicado a Nossa Senhora a pedir a paz, “Senhora da Paz” (Miraculosa), com música de Fausto Neves, ilustre músico espinhense, conhecida nacional e internacionalmente

Alma inquieta rendida ao culto da beleza, a sua poesia, focada no ser humano evidencia uma sensibilidade delicada e riqueza de imaginação, cantando as suas alegrias e amarguras.

Numa entrevista ao Jornal Notícias – Semanário das Terras de Santa Maria, em 5/10/1950, o jornalista João Sarabando faz o elogio a um Homem das Letras cuja narrativa poética não tem margens. Uma poética de fruição e deslumbre, num intenso percurso criativo.

É sabido como Carlos de Moraes, para além da poesia, privilegiava o teatro de entre as suas formas de escrita, confirmando-o em resposta a João Sarabando nessa mesma entrevista e passo a citá-lo:

“O soneto calha-me bem, mas o teatro é o meu maior amor”.

Mas, na verdade, segundo João Sarabando, ele também é “mestre da quadra e sonetista brilhante”

Ainda nesta entrevista, o que me tocou na procura de dados para esta biografia foi quando questionado pelo mesmo João Sarabando sobre qual o seu mais belo soneto, ele deliciosamente responde: “Quanto ao poema mais querido...é o meu neto Carlos Afonso!!! Depois...a Laura Maria, minha neta também”.

Numa crónica publicada no “Notícias de Lourenço Marques”, em 4/12/1952, e no jornal espinhense “O Rumo”, Felisberto Ferreirinha revela um Carlos de Moraes e passo a citar: “poeta por índole, por temperamento” e “irresistivelmente poeta”, ajudando-nos, assim, a valorizar a sua poesia e a compreender o travo de beleza que lhe imprime.

Destaca também o seu último livro de três dezenas de composições, “Chão Movediço”, formosíssimas páginas onde o poeta se entrega e se transcende para ser a voz de muitos, e cito: “em gritos de piedade pelos infelizes, clamor de perdão para os culpados”

A vivência do tempo e da memória são constantes na sua obra, aliando a experiência do sentimento (do tempo, do amor, do culto dos lugares, da paisagem) ao virtuosismo da sua expressão poética.

Não se conhecendo, como atrás se refere, correntes relevantes assumidas, Carlos de Moraes admite, no entanto, a possibilidade de Eugénio de Castro e Afonso Lopes Vieira o terem



influenciado nos primeiros versos, assim como Ibsen, Shakespeare e alguns autores franceses, sobretudo no teatro; destaca outros autores que o cativaram: Sá de Miranda, Gil Vicente Camões, Garret, Antero, João de Deus, António Nobre, Fernando Pessoa, Torga entre outros.

Privou com Joaquim Lopes, seu grande amigo, João Saraiva, Leonardo Coimbra, Teixeira de Pascoaes a quem dedicou o belíssimo soneto “Pinheiros”, acabando por se cruzar com o grande actor Ferreira da Silva que o incentivou a entrar para o mundo do teatro, tendo o prazer de conviver com Maria Matos, Carmen Dolores, Ângela Pinto, Manuel de Oliveira.

Desta necessariamente sumária recolha de elementos biográficos do homem e poeta Carlos de Moraes, ela possibilitar-nos-à, ainda assim, precepcionar melhor a sua ligação tão afectuosa à nossa Terra e as motivações dos dois poemas sobre os quais, de seguida, me deterei.

Nessa linha de pensamento, chamarei, desde já a vossa atenção para um aspecto que se me afigura relevante.

Como já foi referido, o poeta nasceu no Concelho de Vila Nova de Gaia, foi filho adoptivo de Espinho e nutria especial afeição pela nossa Vila da Feira e o seu concelho, onde estabeleceu significativas relações vivenciais.

Isto é, a sua vida desenvolveu-se especialmente enraizada na parte norte da porção do território pátrio geográfica e historicamente conhecida por Terra de Santa Maria.

Também santamariano, portanto, a sua fonte de inspiração não poderia ser alheia a essa ambiência envolvente e as mundividências que lhe eram familiares.

Os dois poemas sobre os quais nos vamos debruçar exprimem-no claramente.

4. Análise do poema “Canção das Fogaceiras”

Passando agora à análise do poema “Canção das Fogaceiras” refiro que após algumas considerações de ordem genérica, esta seguirá a sequência das estrofes.

Encerrando ele uma forte mensagem para os feirenses e muito especialmente para os focacianos, a breve reflexão de que gostosamente me incumbo hoje, partilhando convosco algumas das suas ideias-base, terá naturalmente de ter em conta a carga de subjectividade que uma tarefa desta

natureza sempre coloca a quem ousa dissecar um texto literário, muito especialmente se ele é poético, como é o caso.

Umberto Eco escreveu que a poesia é “obra aberta”. E nessa perspectiva, possibilitar-nos-á um vasto e diversificado campo de leituras. É quase infinita a liberdade interpretativa.

Sabemos que a criação de um texto literário, a partir do momento em que se torna público, como que se desprende do seu criador, para ser apropriado pela comunidade que dela pode fruir.

Eu, que de menina e moça me habituei a lê-lo, ouvi-lo, e a cantarolá-lo, a mensagem que me

transmite é recordação e memória, beleza e jovialidade. Mas também a senti-lo como pedaços da história de um povo e de uma região que, em momentos de aflição



colectiva, se socorreu do Transcendente e erigiu a fogaça em símbolo de acção de graças.

Carlos de Moraes com a sua visão poética, afectuosa e criativa desse simbolismo, imprimiu-lhe um carácter secular que não desvirtua, antes se enraiza na ancestral e persistente representação popular que envolve toda uma comunidade. Nesse sentido, o poema cria e aviva a consciência do não efémero.

O Poeta parte de um património vivencial, a Fogaceirinha (a menina vestida de branco com a fogaça à cabeça) para um património quase coreográfico, a Fogaceira, submetendo-nos a momentos inesperados que vêm deliciando os feirenses desde a sua publicação em 1942.

Mas, a propósito, convirá salientar que a “fogaceira” do poema, não é propriamente a “fogaceirinha”, a menina vestida de branco que, de fogaça à cabeça, em caminhada processional se dirige para o altar em satisfação do voto ancestral.

A “fogaceira” que o poema “canta” e encanta, é antes a vendedeira de fogaças, a moça esbelta e linda que, de açafate à cabeça com toalha branca cobrindo-as, se dirige em caminhada, agora para a feira da Vila, ou mesmo para territórios vizinhos, procurando vender a fogaça desejada, sempre genuína...

É uma figura que o poeta bem conhecia e que naturalmente foi desaparecendo do nosso quotidiano, mas de quem se recordam ainda alguns feirenses.

O Poeta conhecia perfeitamente as duas realidades.

Mas este seu poema assume claramente o carácter secular a que atrás se alude.

O que não significa que a sua visão e criatividade poética sejam alheias às mundividências que a figura da fogaceirinha representa, e que estão enraizadas de modo persistente na memória colectiva, como o atestam a diáspora feirense no Brasil e Venezuela.

O poema “Canção das Fogaceiras” caracteriza-se, a meu ver, do ponto de vista hermenêutico, por uma síntese de imaginários e vivências.

Como referi, eu própria comecei pela fruição de o ouvir, mais tarde veio o poema e depois o apropriar-me dele numa tentativa de desconstrução.

Pensar o poema e desmontá-lo é um ousado desafio a que hoje me proponho.

Ele desenvolve-se num discurso claramente expressivo, que é dirigido a um “tu”, exprimindo e transmitindo sensações de prazer bem perceptíveis.

Na 1ª estrofe iniciada pelo verso:

“Fogaceira linda e nova”

podemos já antever as sensações que se avizinham.

E aí temos a mulher airosa, atraente e galante, silhueta manipulada, reinventada, ficcionando...

E quando, retoricamente, interpela a Fogaceira na 2ª estrofe:

“Quando vais oh Fogaceira

Vender fogaças à feira

Vais tão cheiinha de graça”,

ele pretende tornar mais expressivo o discurso, procura salientar algo que é inquestionável, a beleza da vendedeira da fogaça, a “fogaceira” toda frescura e beleza, meneando-se graciosa e desenvoltamente a caminho de um cenário maior, a feira!

E, de novo, um trocadilho galante, malicioso:

“Que nos gestos e meneios

As fogaças lembram seios

E os seios lembram fogaças”

Na 3ª estrofe, estas “fogaças loirinhas”, o poeta compreende que se vendam “todas a oito” porque

“são certamente irmãzinhas

das fogaças do teu peito”

E aqui temos a nossa fogaceira continuando a expor a sua beleza e a confiar no seu percurso sedutor, fazendo jus à atenção e ao desejo.

O refrão volta a englobar características sensoriais da Fogaceira, uma Fogaceira que já é expressivamente sua

“Fogaceira minha

Que linda que és”

E a seguir

“Com a chinelinha
Toda bordadinha
Na ponta dos pés”

Estes versos remetem-nos para a riqueza do sufixo inho que encerra uma ideia de ternura, de carinho, de afectividade. Evidente aproximação à figura da “fogaceirinha”, a menina toda de branco vestida...

E assim se vai constituindo um campo semântico do maravilhoso, aqui também valorizado pela dinâmica da expressividade do gerúndio

“Quando vais andando,
Tens o encantamento,
De rosas dançando,
De lírios bailando,
Nas asas do vento.

E repare-se na beleza deste voo com que termina a estrofe:

“nas asas do vento”.

Há aqui como que uma progressão sugestivamente indefinida.

Concluída esta minha análise, perceber-se-á que o poema “Canção das Fogaceiras” assenta no gosto das histórias passadas, no vigor e fascínio da Mulher que encanta quando caminha e, nesse percurso, ensaia uma partilha com a Fogaça... o pão da partilha!

A fogaceira agitada pelos movimentos do seu corpo, é protagonista de facto, de um movimento que avança num diálogo corpo/fogaça, feito de júbilo, sensualidade, explorando assim as possibilidades expressivas do seu corpo.

Porque o seu corpo é ele próprio, uma paisagem de imagens.

Carlos de Moraes introduziu no poema um espírito novo da Fogaceira, uma alegria, uma volúpia, um colorido, uma merecida centralidade.

Devaneios poéticos!

Não é obsessivamente físico o texto, ele configura uma mente plural, celebrando a estética da sensualidade, da cor e do movimento, o que torna o texto particularmente sedutor!

Construímos assim a memória da Fogaceira numa história feita através de fragmentos, umas vezes com indicações directas de factos observados, outras oriundas do puro imaginário, construções que se vão arrumando num arquivo de memória e que cada leitor corporiza na intimidade da sua leitura, num diálogo posterior com a música do nosso Dr. Paulo de Sá, que nos deleita, que se ouve e sente numa ligação perfeita.

Preciosa parceria!

Assim, é possível imaginar um Carlos de Moraes rejubilante com a criação de um texto adequado à estética que ele procurou, porque o texto é de ouro e o “Midas” é ele próprio, Carlos de Moraes.

Aquando da oferta do quadro “Fogaças” do nosso querido Mestre António Joaquim, recordo ter referido que ele “era o quadro da vida dos focacianos”. Pois agora atrevo-me a acrescentar que o poema “Canção das Fogaceiras” de Carlos de Moraes também é o poema da vida dos focacianos.

Há assim, a memória gráfica da fruição destas duas obras que contribuem para o enriquecimento do acervo da nossa Confraria.

António Joaquim e Carlos de Moraes fazem-se cruzar nas suas expressões artísticas. Abordaram a representação e a linguagem para recriar a Fogaça e a Fogaceira, proporcionando este deleite de poder ver, ouvir e fruir as Fogaceiras.

Vivem connosco, com os focacianos, estas duas obras!

Cumpro assim, um desejo de assumir a evocação do “Fado das Fogaceiras”, num gesto que concilie a fidelidade e a transgressão na leitura de Carlos de Moraes.

E posso, aqui e agora, também dizer-vos quanto me encantam estas envolvências com a Fogaça e as Fogaceiras, tão relevantes na história da nossa Terra Santamariana.

Este poema de Carlos de Moraes não podia ser exceção.

Que este nosso encontro de hoje nos deixe mais informados sobre o Homem e o Poeta Carlos de Moraes e sobre a essência da sua poesia, muito especialmente dos seus poemas aqui apresentados e que tanto nos dizem.

Mas ficará, no entanto, uma última página em branco para que, numa perspectiva focaciana, mais se



possa escrever enriquecendo assim o tratamento que neste nosso encontro foi possível dar ao poeta.

Com mais esta edição de “Fogaça com Palavras” acrescentamos mais um momento de convívio e espaço cultural a tantos outros e ao evento - mãe, o nosso capítulo,

proporcionando, espero eu, um diálogo aberto à volta da fogaça que nos entrelaça.

“Ronda da Vila da Feira”, de Carlos de Moraes

Antes de iniciar o meu breve comentário, gostaria de felicitar a Confrade Paula Portela por esta sentida e deliciosa leitura do poema “Ronda da Villa da Feira”, e permitam-me que dedique este momento ao amigo de sempre e Confrade Mirífico Celestino Portela.

Carlos de Moraes oferece-nos da sua vasta obra, outro poema “Ronda da Vila da Feira” que sonda o modo de ser feirense, levando-nos a lugares do nosso inconsciente evocativo.

O modo como nos contou a nossa Vila da Feira é todo assim, de realidades, mantendo viva a memória, preservando reminiscências da sua vida e história colectivas.

Imbrincam-se nos dois poemas recordações, elogios

à terra:

“Burgo de Santa Maria,

ao povo:

“onde mora a fidalguia”

ao

“seu garboso castelo”

Tão rendilhado e bonito,

Tão altaneiro e tão belo...

e ao

“Pão das Fogaças”, “Pão de mesa real...”

Os dois poemas perfazem um percurso pela Feira, por este Território “lindo berço real” onde se sente o afecto e a força emocional das palavras, em comunhão perfeita.

A voz poética é a mesma.

Carlos de Moraes elegeu a Feira como imagem de memória, representando uma mundividência feita de revivalismos que interpretam a sociedade feirense de um modo muito fidalgo, muito generoso.

Coube-lhe dizer poeticamente como era o povo feirense, como vivia e o que representava.

Referências

- Antologia Poética, Carlos Moraes Gaio, Câmara Municipal de Espinho, 1987
- Dicionário das Revistas Literárias Portuguesas do séc xx, Daniel Pires, Revisto 3, Editora Contexto
- Moraes, Carlos, in João Quinta, Espinho, Edição do Autor, 1999
- Moraes Gaio, Carlos, A Génese de Espinho-Histórias e Postais, Porto, Campo das Letras, 1999; capítulo “Revistas e Operetas”
- Portela, Celestino, Evocação de Carlos de Moraes, Villa da Feira, vol. VIII, nº 22